



Ciclos

Saudade

Campainha

Zoom

Celsius

Conjugado

Natureza

Live

Acareação

Boa impressão

Assintomático

Bico

Ducha

Kids

Odeon

Jornal

Chat

Reticências

Natal

Castanhas

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

Ciclos

Cada vez que passava pela janela, eu olhava aquele corpo lá embaixo e me perguntava de novo: fui eu que joguei ou ele já estava lá quando o vi pela primeira vez?

Recolhendo as camisetas, shorts e cuecas (mas nunca meias, já não as usava havia tempo) para a primeira lavagem depois de cinco semanas de isolamento, impotente para resistir a mais uma olhadela naquele abismo de oito andares, minha cabeça viu-se novamente ocupada por essa questão. Isto é, até eu estar diante da máquina de lavar e, mais uma vez, sem ideia de como colocar aquilo para funcionar.

Todos os meus amigos e um coro uníssono de respostas na internet, que apareceu logo depois que lancei a simples pergunta de como fazia para lavar minhas coisas sem precisar recorrer ao tanque, disseram: “É a coisa mais fácil do mundo”. Não para mim que vivia nessa situação um bloqueio: por mais que lesse as instruções ou assistisse aos tutoriais no YouTube, eu chegava com aquela pilha de peças diante da máquina e tinha medo de que ela se virasse contra mim.

O manual está ali em cima dela. Passo os olhos nele de novo e tento me lembrar se não há um artigo mais fino entre os que recolhi, algo que exija uma lavagem mais sofisticada. Ou ainda, temeridade, uma programação especial. Aflito, não consigo lembrar nem das primeiras instruções para acioná-la e corro para meu celular onde arqueei um vídeo com o passo a passo do modelo LSW11.

Dou mais uma olhada na janela, mas dessa vez a pergunta mal se instala na minha cabeça — tenho outra prioridade: preciso perder esse medo da lavadora! Como ela vai reagir se eu colocar mais de onze quilos de tecido lá dentro? E quanto são onze quilos mesmo? O mais constrangedor é lembrar que já passei por

essas dúvidas antes, nas duas primeiras vezes em que resolvi encarar esse desafio, quando o corpo ainda nem estava lá estatelado. Ou, se estava, eu não tinha nem reparado.

Mas vou em frente. Não pode ser tão difícil assim. Eu mesmo já fiz antes. Aquilo que é branco está separado para a segunda lavagem, embora eu ainda hesite: em que grupo coloco as duas camisetas claras que têm listras coloridas? Vou arriscar incluí-las entre as brancas. Se manchar, não sei o que vou fazer. Como resolvi isso nas vezes anteriores?

Tudo pronto; na verdade, tudo ligado. Uma série de ciclos de quase duas horas — é isso mesmo? Não tenho escolha; devo esperar paciente, sabendo que serei sempre surpreendido pelas pausas que chegam a intervalos irregulares e me fazem pensar que tudo está perdido. Não só a máquina vai me devolver as roupas sujas, como várias explosões de jatos de água vão inundar não apenas a área de serviço, mas todo o meu apartamento.

No entanto, tudo corre bem. Chego a cochilar ao som do que, depois de alguns minutos, parece mais um ronronar, um ruído mais felino, animal, do que mecânico. Quando vou checar de novo, só falta um quarto de hora para tudo acabar. Olho em volta e listo mentalmente as outras tarefas que tenho pela frente.

Louças — moleza. Varrer o chão — maldita hora em que escolhi esse piso claro! Arrumar a escrivaninha — perenemente adiado. O banheiro, ao fundo do corredor, está estrategicamente distante, o suficiente para que eu não me lembre da sujeira do box. Preciso molhar as plantas — o mais fácil de tudo.

Mas para aguardar a jardineira tenho que chegar novamente à janela da sala. E o corpo lá embaixo mais uma vez vai me lembrar da pergunta — que agora já faço sem precisar ver o que está lá embaixo: fui eu?

No que a máquina solta seu suspiro final, assinalando a conclusão de sua missão com uma soma de notas digitais que lembram a introdução de uma ópera manjada, enquanto reúno forças para tirar aqueles onze quilos de lá de dentro (acho que pus bem menos que isso), encaro a paisagem lá fora e inesperadamente me encanto com a composição para além

daquele quadrado na parede. As linhas tão precisamente traçadas pelos fios elétricos são, como que por teimosia das árvores, distorcidas por aqueles galhos tortos, e o resultado final é um garrancho visual que mal me deixa perceber a moderna arquitetura do prédio em frente.

Um outro corpo, em rápida queda vertical, interrompe minha contemplação. E o barulho que ele faz quando chega ao solo só não é mais seco porque provavelmente caiu em cima do que já estava lá.

Mal consigo disfarçar meu alívio. Se esse segundo corpo veio lá de cima, já não tenho mais motivos para acreditar que eu talvez tenha empurrado o primeiro janela abaixo. Eles estão vindo de outro lugar. Ufa!

Levanto-me então para abrir a porta da lavadora, sentir o bafo quente da última secagem e separar uma por uma as roupas para o varal, para secarem bem mesmo. E noto que algumas peças não são do meu tamanho.

A camisa tinha mangas compridas demais. A calça, cintura larga demais. A cueca tinha um elástico frouxo que eu jamais usaria. E como explicar aquele par de meias? Olhei para aquele punhado de pano em variações de azul, fascinado, perplexo, mas não preocupado. Uma sensação que já havia experimentado antes, e eu sabia exatamente quando. Quando vi aquele corpo lá embaixo pela primeira vez e percebi que ele estava nu.

Saudade

“A senhora tá bem, d. Fátima, tá confortável?”

Minha mãe tinha acabado de chegar em casa depois de vinte e dois dias no hospital, sete num respirador. Estava bem — ou pelo menos esse era nosso consenso, dos filhos, quase todos vendo-a pela primeira vez desde que foi internada. Só Denise, minha irmã mais velha, foi visitá-la uma noite, mas só conseguiu enxergá-la de longe por conta do isolamento. Ficou deprimida com a cena que encontrou lá e se recusou a falar do episódio com a gente.

A cuidadora que contratamos para esses primeiros dias, cientes de que corríamos o risco do contágio com mais uma pessoa, ainda mais estranha, dentro de casa, insistiu: “Tá tudo bem com a senhora, d. Fátima?”. Minha mãe só levantava a sobrancelha num gesto quase imperceptível descrito por seus olhos puxados de terceira geração de japoneses em São Paulo.

Eu fui o primeiro da minha família a me casar com uma gaijin; meu filho, Caio, ao mesmo tempo que era a alegria da avó quando nos reuníamos para um sukiyaki, era muitas vezes olhado como uma atrevida curiosidade na nossa árvore genealógica.

“Será que ela tá ouvindo a gente?”, perguntou meu irmão mais novo, Márcio, o quinto filho da paciente que acabava de voltar para o seu lar. Sem resposta, ele voltou a encarar o rosto de minha mãe, procurando alguma pista de lucidez. Aliás, como todos nós.

Os médicos repetiram mais de uma vez que ela estava bem, recuperada mesmo, talvez um pouco cansada, mas feliz de poder voltar para casa. Viva! Ditas na última vez que foram visitá-la em seu leito, essas palavras pareciam ainda mais vazias diante do aspecto abandonado da minha mãe agora acomodada em seu

colchão importado do Japão.

Todos queríamos que ela se sentisse bem, feliz de estar de volta. Mas nosso entusiasmo escondia a convicção de que aquele corpo frouxo ali não era exatamente nossa mãe. Todo mundo tinha na memória a imagem de uma mulher energética, mesmo beirando os setenta e cinco anos, que dava conta de todos os detalhes da rotina doméstica e distribuía carinho e atenção para cada um que entrasse na sua casa. Especialmente se fosse da sua família.

Na tentativa de animá-la, Denise puxou sua filha, que era a paixão da mamãe — primeira neta, claro. “Olha a Gabriela aqui mãe, ela tava morrendo de vontade de te dar um beijo, mas eu disse que era melhor esperar um pouco. A senhora não tava com saudade dela?”

Exatos oito segundos depois, o tempo que levou para ela encarar rapidamente todos em volta dela, veio a resposta: “Não”.

“Olha quem veio te dar as boas-vindas mãe”, foi a nova tentativa de animá-la, dessa vez da Bruna, a filha entre mim e Denise. Por trás dela apareceu d. Keiko, amiga da minha mãe desde os tempos de colégio e a única pessoa com quem minha mãe praticava o japonês para não esquecer.

D. Keiko estendeu sua mão com um origami que parecia uma flor de lótus. Não chegou a sorrir para a amiga, mas sua expressão era calma e alegre. “A senhora não tava com saudade dela, mãe?”, perguntou Bruna. “Não”, veio a resposta depois de um silêncio mais curto que o anterior, a negativa um pouco mais forte que da primeira vez.

Helena, minha tia, sua irmã mais nova, tomou coragem: “Vou fazer um missoshiro com uma pitada daquele pó de cogumelo que eu trouxe da última viagem pra Osaka, que eu sei que você adora. É só a água ferver que já trago aqui, e eu tenho certeza de que você tá com saudades disso”. Não teve nem pausa: “Não”.

Estranho. Minha mãe não era das pessoas mais expansivas, mas era extremamente carinhosa com todo mundo. Sua mera presença ali, na própria casa, sem nem insinuar um sorriso, provocava estranheza. E talvez para quebrar esse clima, o

Leandro, o irmão que veio logo depois de mim, foi buscar seu filho de menos de seis meses, que minha mãe nunca tinha visto, já que ele e a mulher se casaram e saíram de São Paulo para morar em Campo Grande.

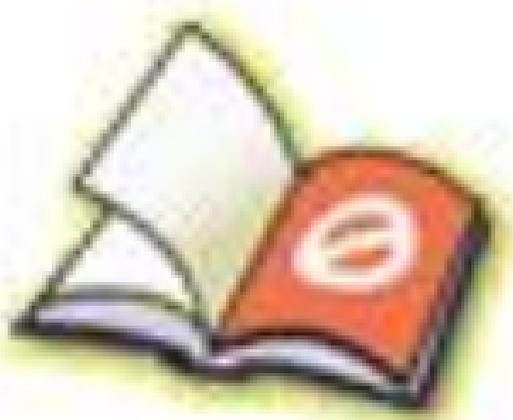
Olhares de reprimenda pela transgressão do Leandro em juntar o bebê com a avó recém-recuperada foram logo suprimidos, tamanha a ansiedade geral para que minha mãe se animasse com qualquer coisa. Quando ele entrou com o Andrei no colo, foi logo dizendo: “Mãe, a senhora brincava que tinha saudade do neto que ainda não conhecia, então olha ele aqui, tá com saudades dele, não tá?”.

Se minha mãe sorriu ou não naquele momento seria um tema para ser debatido em futuras reuniões familiares. A certeza veio só na resposta: “Não”. E o desânimo de todos nós era quase visível, como um pesado manto de veludo.

“Quer um copo de água, d. Fátima?”, disse a cuidadora na boa intenção de quebrar o clima. Mas antes de minha mãe balançar a cabeça em mais uma negativa, eu, visivelmente desesperado para descobrir algo que a animasse, saí de lá do fundo do quarto, afastei duas primas que, diga-se, estavam até perto demais da cama, pedi desculpas, procurei a mão da minha mãe com sucesso e o contato dos seus olhos com os meus. E sem querer soar ameaçador no meu tom de voz soltei: “Mas então do que você tem saudades, mãe?”.

Era quase possível ouvir seus pensamentos se organizando para produzir uma resposta, um esforço nítido que deixou todo mundo um pouco mais preocupado, mas também mais aliviado, visto que ela estava prestes a dizer algo que não fosse um não. E respondeu:

“Do caraoquê.”



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Zoom

Outro Zoom. O terceiro de hoje. Novo normal — adoro quando as pessoas dizem isso. Elas nem sabem qual vai ser o novo normal e acham que a gente já chegou lá. Normal...

Uma coisa boa de Zoom é que as pessoas respeitam o horário. Não tem desculpa de trânsito, que o Uber cancelou, pneu furado então... Você tá na sua casa, sem fazer nada, a chamada é às três horas, você entra. Simples assim.

Essa ironicamente está atrasada. Sou o primeiro na sala. Primeiro de quantos? Nunca sei. Antes era só com as festas: você não tinha ideia de quem ia aparecer. Mas agora, mesmo uma reunião de trabalho, prevista pra ter só oito participantes — quando “oito” virou “só”? —, você já desconfia que vai aparecer mais alguém.

Entraram duas pessoas — uma delas eu conheço, foi a menina que me convidou pra essa história, esse negócio de plano de comunicação de uma nova rede de mercearias “bio”. Parece que faz parte também do novo normal.

Cumprimento as duas; a Betina, amiga antiga, me apresenta para a Camila e ficamos olhando tensos para nossas telas, torcendo para mais gente entrar logo, assim não precisaríamos ser engraçados ou soltar uma piada surrada sobre salas virtuais. Logo entram mais dois para o encontro e seguimos sem apresentações dali em diante.

Nas letras minúsculas embaixo de cada moldura vou lendo os nomes: Adriana, Tony, Carlos Antônio, Ramona, Binho, Val, Valentina. Será que tem duas Valentinas no encontro? Ou a Val chama Valdirene? Valquíria? Desisto de perguntar porque o nível de confusão vocal já está alto — muito além do novo normal.

Aparentemente, todo mundo ali trabalhou junto em um ou

que todo mundo que entrou aqui hoje. O senhor se responsabiliza pela entrada dela?” Perco o cliente ou coloco toda empresa em risco? Fácil decidir, né?

“34,7”

Será que eu morri? O rosto da mulher que me passa essa informação, como acontece desde o primeiro dia, não registra nenhuma surpresa. Penso em fazer uma brincadeira, mas ela provavelmente nem vai achar graça. Está programada pra alertar todo mundo, chamar a segurança, se necessário, apenas se o tal termômetro marcar alguma coisa acima de 36,9. Mais de dois graus inteiros abaixo disso não é problema dela. E nem meu, pois me sinto bem. Inevitavelmente levo as costas da minha mão ao pescoço pra ver se está tudo bem mesmo, um gesto automático e maternal. Tá tudo bem.

“35,6”

Eu devia começar a fazer um gráfico com esses números. O meu tem tudo pra ser uma curva curiosa. Ou, melhor ainda, eu podia começar a tirar minha própria temperatura várias vezes por dia, pra fazer um desenho mais completo. Mas o termômetro que eu tenho em casa não é tão bom quanto esse, é daqueles de mercúrio. Se bem que ele nunca deixou passar uma febre do Bruno, desde que ele nasceu. Oito anos já, o mesmo termômetro. Os mesmos oito anos de catraca aqui na empresa. Consegui esse emprego quando a Rita estava no oitavo mês. Tudo igual. O que muda mesmo é o calor do meu corpo.

“36,3”

Não estou preocupado com a Covid, tomo cuidado, eu tenho um filho pequeno em casa. Sei me cuidar. Mas e as outras pessoas? Quantos trabalham aqui? Duzentos? Trezentos? Alguém já

enquanto, a se meter com pão e essas coisas. Mas ele pôs uma camada generosa de muçarela, uns tomatinhos-cereja, cogumelos fatiados bem fininho e só. Ficou uma delícia. A gente comeu, conversou umas bobagens e foi dormir.

Todo dia parece que a gente só conversa bobagem. Eu morro de medo de usar essa expressão — e nem falo ela na frente do Wallace. Mas a gente caiu numa rotina. Inimaginável na época em que nos casamos. Duvida? Nós dois passamos o dia em home office, ele no quarto de hóspedes e eu na sala. Falamos pouco nesse meio-tempo, e no almoço, como sempre foi com a gente, cada um se vira com o que tem na geladeira.

De vez em quando, quando alguém encontra um meme realmente engraçado, um manda pro outro, que responde AHAHAHAHAH!

Quando a tarde vai acabando, eu não me aguento e pergunto o que vai ter de jantar. O Wallace sempre responde: “Espere e verá”. Como tudo na vida da gente, primeiro eu achava graça, depois eu não dizia nada, e ultimamente isso tem me irritado.

Mas basta eu ver movimento na cozinha para perdoá-lo. Ele faz isso com muita dedicação, ainda que por motivos duvidosos. O importante é que alguns minutos depois nós estamos sentados à mesa comendo algo gostoso e conversando bobagem.

Hoje ele me conta que começou a fazer um curso de meditação online e eu olho desconfiada. A última pessoa do mundo que eu podia imaginar meditando era o Wallace. Ou eu. Mas resolvo não falar nada e começo a contar de uma paciente que me alugou horas hoje no WhatsApp falando sobre nada.

Ele nem me ouve. Quer saber se o “franguinho *lemon-pepper*” que ele fez ficou gostoso. Acho que ele já tinha feito isso antes, aliás, é claro que fez, porque haja criatividade para inventar seis meses de cardápios diferentes! E acho até que já fez “franguinhos *lemon-pepper*” mais gostosos do que esse de hoje. Para evitar uma discussão, respondo apenas que esse é um dos jantares mais maravilhosos que ele já preparou para mim.

Wallace me olha desconfiado. Não acreditou na generosidade do elogio, mas também não quis criar um clima. Lembrou que

deles (ou seria o mesmo?) com várias frutas na mão — e ele só poderia ter entrado pela janela da frente!

Isso já era ir longe demais, ultrapassar o último limite! Foi o que pensei logo depois de me recuperar do susto de ver como aquela criatura era grande: mais ou menos do tamanho do meu tronco. Uma criança de, sei lá, dez anos... Pior, uma ameaça!

Quando ele bateu em retirada, deixou marcas das suas patas pelas paredes, uma prova do perigo que eu agora sofria. Ah, e ultrainstagramável (novos seguidores na certa!). Marcas essas que eu não quis tirar, na crença inocente de que, com o escândalo que fiz, nem ele nem seus amigos teriam a ousadia de voltar. Até parece...

No dia seguinte eram dois, um carregando mais frutas e o outro, estranhamente, segurando uma faca de manteiga. Armei nova gritaria, eles fugiram rápido, e plantei guarda todas as manhãs. No primeiro schlef eu já fechava as persianas e seguia com minha aula do personal.

Veio então um período de tranquilidade, até que ao fim de um treino, quando eu já estava relaxando, abro os olhos e vejo um deles a menos de um metro de distância, olhando para mim. Tranquilo. Plácido. E com minha pequena caixa de som nos braços.

Urrei. Nada. Urrei mais forte. Veio o segundo — não da janela, mas do meu quarto. Não faço ideia de como ele entrou por lá. O terceiro estava no alto da minha estante. O quarto me olhava da varanda. E o quinto foi o que jogou sobre mim uma corda e puxou meu pescoço.

Não tenho muita certeza do que aconteceu em seguida, mas o fato é que agora estou aqui, madrugada adentro, no box do meu banheiro de visitas, com as mãos e os pés amarrados, meio com sono e meio com sede, ouvindo barulho de latas de cerveja sendo abertas, sentindo cheiro de pipoca amanteigada de microondas, e, se a dor de cabeça não estiver confundido minha memória, ouvindo ao fundo um remix de uma música do meu tempo de faculdade: “I Don’t Wanna Dance”, de Eddy Grant.

E a festa continua...

Delicioso? Deligostoso? Eu via nas mensagens. Mas podia ser o apelido que fosse. Na verdade, ela me contou, ela ria de você, ela tava se divertindo às suas custas. Treparam quantas vezes? Quatro, cinco?

Marco, superobrigado mesmo, pessoal mais uma vez des...

Dez vezes. Dez! Ela me contou. Mas a gente resolveu tudo. A gente esqueceu esse passado. Abrimos startup, a gente tá bem, a gente tá pensando até em ter filho. E você, seu merda, você ainda...

Gente, até a próxima live!

Próxima live o caral...

A cada código de barra, uma tortura. E se elas aparecessem de novo? Uma nova prestadora de serviço do aplicativo acabava de chegar. Será que as outras iam contar para ela? Trezentos e cinquenta e cinco reais e setenta e nove centavos deu o total. “Crédito ou débito?”, a pergunta automática da mulher a sua frente que não parecia tê-lo reconhecido.

Aliás, ninguém o reconheceu. Nem as outras mulheres. Foi só mais um daqueles momentos constrangedores que o faziam odiar ainda mais aquele ator tão parecido com ele. Assim que chegasse em casa esse cara ia ver. Ele ia mandar outro *direct* para @danilolandimreal subindo o tom.

“Sai na rua pra ir fazer compras no supermercado já que você é tão querido seu galãzinho de merda.”

Vesti um jeans mais escuro. Escolhi uma camisa branca e leve, de linho, já que o dia amanheceu quente. Passei a mão no cabelo, solto mesmo, sem rabo dessa vez. Chamei o Uber e fui o caminho todo tentando disfarçar meu nervosismo. Como tanta gente nessa crise, eu estava havia meses sem trabalhar. Tinha que pegar essa vaga.

No vasto lobby do prédio, cheguei ao balcão da recepcionista com uma atitude que nem de longe extravasava meu nervosismo e anunciei, com ares de importância, que tinha uma entrevista de trabalho naquela empresa. Indiferente, a mocinha pediu meu RG, discou um ramal, olhou novamente meu documento, me anunciou e, devolvendo a identidade e um crachá, disse baixinho:

“Décimo quarto andar, sr. Carlos Alberto, pode subir.”



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

para segurá-lo para que ela pudesse procurar suas chaves na bolsa. Levou seu nariz ao da criança e fez aqueles barulhos com a boca que os pais acham que distrai os filhos. Subiram no elevador com o seu Bartô do 1102, e Maurício fez questão que suas mãos se esbarrassem ao apertarem o andar.

Fechou sua porta, correu para o banho, se jogou no sofá para ver pela quarta vez *Homem de Ferro 3*, o melhor deles segundo Maurício, e pensou consigo mesmo que, “a nível de vetor”, até que ele não tinha mandado mal naquele primeiro dia. Mas amanhã no escritório seria ainda melhor.

ninguém desconhecido: todo mundo ali era a turma de sempre da Mariana, a nossa turma. E a festa retomou, Cléber chamando todo mundo para a pista virtual com a irresistível “One More Time”, sucesso de 2001 do Daft Punk. E viva os anos 1980!

Eles devem ter achado que eu estava tentando enganar a todos com uma pegadinha. Mas a menina continuava lá, peito nu, chorando, chorando, com os ombros cada vez mais fechados. Era praticamente a mesma posição em que eu a tinha visto pela primeira vez, com a diferença de que seu braço direito agora parecia se levantar vagarosamente. Na mesma velocidade, sua mão foi subindo e se fechando até que só o indicador ficou em riste e apontou bem pra mim.

Não parecia uma acusação, e sim mais um pedido de ajuda. Muito sincero. E eu comecei a chorar, talvez mais que ela. E quando abri os olhos de novo, ela não estava mais lá.